

R. B. ROSENTHAL

LIVROS

Lisboa 2 — Portugal

MAZELLAS DA ACTUALIDADE.

MAZELLAS

DA

ACTUALIDADE

(Romances de improviso)

POR

MINIMO SEVERO

N. 1.

Voragem.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Largo de S. Francisco de Paula n. 16.

1867.

Explicações.

MAZELLAS DA ACTUALIDADE, foi a epigraphe que escrevemos na primeira pagina, ou frontespicio destes romances, porque elles tem por fim particular atacar a desmoralisação que vai contaminando a nossa sociedade.

Romances de improviso ainda os nomeamos; porque em verdade sahem elles improvisados e nem que o quizessemos, o tempo nos sobra para corrigil-os, retocal-os e dar-lhes ao menos os atavios de mais elegante forma.

Máo grado os proscriptores da poezia, serão escriptos em versos estes romances: senão agradarem assim, é que tambem não agradarião em prosa; por quanto o que vai, o que irá n'elles é satyra, e a falla natural e mais efficiente da satyra sempre foi, é, e será a poeia.

E a moralidade publica ultrajada, ferida na corrupção dos costumes, no egoismo e na vilania dos homens politicos, nos abuzos e no desvario do governo e em uma palavra, no olvido das noções do dever, e no desenfreamento de paixões ruins, a moralidade publica, dizemos, está, em bem fundados receios de completa ruina, á reclamar, ha muito tempo e de mãos postas, o soccorro da satyra.

Porque, coitada, se não lhe valer a satyra, quem lhe hade valer a ella? o seu primeiro e adequado recurso é quem mais incapaz se mostra de acudir-lhe ao soffrimento: o governo para moralisar precisa infelizmente começar por moralisar-se.

Em taes circumstancias a satyra, quando não é um remedio, pode ser linitivo e consolação.

Na serie de romances que hoje encetamos, escreveremos pois a satyra dos abuzos, dos costumes pervertidos, das *mazellas da actualidade* emfim, escreveremos a satyra generosa e nobre, porque não será pessoal, nem esco-

lherá victima exclusiva; satyra honesta, e util, porque atacará de frente o vicio, a prevaricação e o crime.

E' força que tenhamos de mostrar-nos muitas vezes ardente, aspero e aparentemente cruel; mas tambem o medico applica fogo vivo ás ulceras rebeldes, contando ver brotar de sob as escaras a carne regenerada.

Em todo caso é facil impor-nos silencio: damos ao prélo hoje o nosso primeiro romance: o juizo do publico dirá, se devemos proseguir ou parar na escabrosa empreza.





E' theatro destes dramas a capital do Imperio.

Eu não componho os dramas; já os achei compostos:

De indignos personagens torpeza e vituperio

Exprimem vícios, crimes para escarmento expostos.

VORWORT



Quadro primeiro.

¶

Herdeiro de um nome honrado,
Da mãe amparo sagrado,
De irmãs orphãs a esperança;
Guarda de immensa riqueza
Que do futuro a incerteza
Quasi muda em segurança;

Sol no ardor da juventude,
Aura do céu na virtude
Do coração mais leal;
Flor na candida innocencia,
Insensato da opulencia
No orgulho vão: — eis Durval.

Quantos deveres tão bellos
Que fonte d'almos desvelos
De Durval na condição!
Irmãs e mãe, patria e Deus,
Cultos da terra e dos céos,
Dupla e santa religião!

Um fraco tronco á amparar
Tres flores a cultivar,
Mãe viuva, irmãs sem pai;
Patria que varões reclama,
E Deus que o amor só ama
Que das almas puras sae.

Longe do mundo educado,
A's sociedades negado
Austero pai o criou;
E morrendo ao miserando

Como um cégo, tateando
Em terra ignota deixou.

Cessa o luto, a dor mitiga;
Mas Durval da vida antiga
Zela a paterna lição;
Timidez, pejo e respeito
Do pai já morto ao preceito,
Vive á sombra, em solidão.

Doe-se a mãe desse viver:
Quer fulgor, gloria, prazer
Para o filho idolatrado;
Ella o quer feliz, jocundo,
Astro esplendendo no mundo,
Das mãis encanto invejado.

Em balde hesita Durval,
Teimoso empenho fatal
Da mãe e irmãs o venceu:
Deixa o grato, o santo lar,
Levanta o pé, vai entrar
Onde....no inferno ou no céu?....

Tredos extremos buscarão,
Pai, e mãe que tanto errarão,

Sonhando o filho feliz :
Um na cegueira o educou,
Outra assim cégo o lançou
Da seducção nos ardiz.

O mundo em que hade viver,
Cumpre ao filho esclarecer
Do pai á sabia experiencia;
Mas se não deu-lhe este ensino,
Quem larga o cégo ao destino
Dobra inda mais a imprudencia.



Sobrão aos jovens ricos os mentores,
Pollutos já cahidos na pobreza,
Que sem pejo, do alcouce servidores
Armão do alccuce o leito após á mesa.

Pagárão por demais outr'ora o vicio,
Pobres, da abjecção descem a escada,
Enlodão-se n'um duplo e negro officio,
Infimo gráo da vida depravada:

Dos vícios aticando a festa e amores,
Uns, parasitas, nos sobejos pastão,
Outros, das impudicas correctores,
Aos prostibulos as victimas arrastão.

Os primeiros mendigos são da crapula,
Restos comem na esqualida desgraça;
Dos segundos mais negra inda é a macula,
Das mundanarias são os cães de caça.

Tema o joven incauto este perigo !
Tem véos, tem masc'ra a hedionda corrupção.
E o dissoluto que se finge amigo,
E' demonio fatal de perdição.

Que ao soldo das impuras não se preste,
Nem seja ainda parasita abjecto,
Em todo caso o dissoluto é peste,
Foco de miasmas, como o charco infecto.

E ai de Durval que um primo tem famoso
Por mestre e sabio em vida de alegria!
Foi seu mentor quê prompto quiz donoso
Das delicias no céo romper-lhe o dia.



Foi desastroso, fatal
O dia que lhe rompeu,
Luz que aos vícios brilho deu,
Funda cratera infernal,
Que o falso amigo, impudente
N'um coração innocente
Com malvadeza acendeu.

Quem da lascivia uma vez
Libou a taça encantada
Arde em sede envenenada
Que prepara a embriaguez;
E senão foge, ébrio roja
P'ra sempre e á porta se espoja
De ascosa tasca infectada.

Assim Durval; se alguns dias
Pelo pudor deffendido
Resistio; logo vencido
Foi nas salas das harpias,
Onde a corrupção empesta
Olhos com a acção deshonestas,
Com torpes fallas o ouvido.

Rico, o trabalho despreza,
E na abjecta ociosidade
Desvirtua a mocidade,
A' vis prazeres se avéza:
Do jogo, e orgias no abismo
Deus esquece, mai, civismo,
E é nodoa da sociedade.

Qual novo cavallo ardente,
Que o freio toma raivoso,
Em furor impetuoso
Desencabresta vehemente,
Por terra escarpada avança
E por fim cego se lança
Em precipicio horroroso ;

Durval no campo da vida,
Subito livre, se atira,
Fogo de paixões respira,
Quebra da virtude a brida,
E arrebatado honra, nome,
Riqueza arroja e consome
Da immoral Venus na pyra.

No *Alcaçar* {costumes puros
Perde, applaudindo a *nudez*;
Já nem cora á hediondez
Dos *Jardins de Flora* escuros.
Já das {Venus de aluguel
Não sente os travos de fel
Nos beijos da embriaguez.

Gloria ao mentor desvelado
Que arrastou-o á perdição!
Gloria á cegueira, á innacção
De um governo desastrado,
Que atraiçoa a sociedade
Entregando a mocidade
Aos focos da corrupção!

Como outros tantos — Durval,
Inda um mancebo perdido!
Ei-lo tabido, polluido
Pelo contagio immoral;
Bemdiz o proprio supplicio
E no phrenesi do vicio
Tem garbo de corrompido!

Só falta a estrema loucura:
E' rico, quer ter por dama
A cortezâ de mais fama,
Typo da desenvoltura;
Quer a gloria dos favores
Da escrava de mil senhores,
E que os senhores infama!

Facil gloria ao não — avaro ;
Que essa mulher condemnada
Vende o corpo depravada ;
Mas tem fama, e vende-o caro :
Durval herdara um thezouro,
Prompto esbanja cofres de ouro ;
Ella o sabe: ei-la comprada.

Escrava! escrava! — mentia!
Escravo é só o infeliz
Que em breve a sorte maldiz
Que o poz nas garras da harpia.
Escrava! mas de hora á hora
O ouro do senhor devora
Com fome de meretriz.

Escrava! e o senhor governa,
A vis orgias o arrasta,
Sua riqueza devasta
E á seo capricho o prosterna ;
Mede-lhe attenta a despeza
Para, ao sentir-lhe a pobreza,
Dizer, como aos outros, — basta !

Escrava! e o servil senhor
Dos socios nem sabe a conta
E ao ridiculo da affronta,
Se submette sem pudor:
Já quiz fugir, — tarde! o vicio
Prende-o ao cepo do supplicio
Das lascivias no torpor.

Das miseras, perdidas
Mulheres decahidas,
Que gasta a consciencia,
Ostentão vida infrene,
Vendendo corpo e amor,
Primeira na impudencia,

Licenciosa, Irene
E' da virtude horror ;
Que o inferno, se ajuntára
N'um reino as dissolutas
Rainha das pollutas
Irene proclamara.

Provocadora ousada
Sabia em requebros vis,
No calculo consummada
Fertil em mil ardiz
Que da volupia acendem
A flamma envenenada,
Ao luxo e a elegancia
Que os inexpertos rendem
Juntando a petulancia
Que os libertinos amão,
Muitos em coro ardente,
Formosa, resplendente,
Loucos Irene acclamão.

Que seja embora a imagem
Do sol em pulchro dia,
Amantes que á porfia

Lhe jurão vassallagem,
Se ausentes della fallão
De Irene o nome calão,
E a chamão só — *Voragem*.

A alcunha não é vã,
Tem eloquencia immensa;
A alcunha é a sentença
Que pune a cortezã.

Que seja ou não formosa
Pestifera vida arrasta,
Corrupta, perigosa,
A alcunha a condemnou:
Ella é — *Voragem!* basta:
E' horrivel sorvedouro
Que absorve a honra e o ouro
De quem amal-a ousou.

E' bella; mas qu'importa
Do rosto a formosura,
Quando a innocencia é morta.

E Venus roja impura?...
De um sol eclypsado
A luz semelha á noute :
E' n'agua cristallina
Veneno propinado :
Não enobrece o açoute
De algoz a mão mais fina :
Ostenta lindas côres
Tambem a vil serpente
E em assassino dente
Traz na peçonha horrores :
Em fetido lenteiro
Póde uma flor brilhar,
Da flor porém, com o cheiro
Vem a infecção matar.

A cortezã formosa
Esplendida, faustosa,
De encantos opulenta,
Balde belleza e graça,
E', será sempre a taça
Pestifera, nojenta
Que cem labios tocarão,
Cem labios que deixarão

Nella saliva immunda
Que a corrompe, a inunda
De virus e torpeza,
Que cada qual vomita
Na taça que infinita
P'ra todos corre á mesa,
E que cada um tocando
Com traficado beijo,
Bem sabe que o sobejo
De outros vai libando.

Se é bella, a cortezã,
Celeste dom profana ;
Podia ser soberana
Pela belleza honesta ;
E escrava indigna e vã
Do vicio aviltador,
Vendeira do senhor,
Maldita o mundo empesta.
Se é bella — flor mimosa,
Fora do céo thuribulo ;
Mas cortezã — lodosa
Retouça no prostibulo.

O anjo condemnado
Fulgira, anjo do Céu,
E a audacia do pecado
Nas trevas o abateu :
O throno sempiterno
Soberbo ambicionou,
E Deus que o fulminou,
Por throno deu-lhe o inferno.
De Lucifer a imagem
A cortezã revela,
Pela luxuria a bella
Cahe, e se faz *Voragcm.*
O alcaçar da riqueza
O inferno seu atesta,
Onde é em torpe festa
Rainha da torpeza:
O vicio mais nefando
Dos vicios tem o bando
A' completar-lhe o horror;
Tem nas brutaes orgias
A infamia do impudor;
Nas doudas companhias,
Do vinho a embriaguez,
Em furial demencia
O opprobio da nudez,

A hedionda incontinencia ;
E em vida repugnante
Um corpo corrompido,
Vendido e revendido,
Que ao comprador nodoa,
E que em venda constante,
Apóz gozado enjôa .

Bella, mas infernal,
De ouro sempre sedenta,
Ladra de maes e esposas,
Patibulo da moral,
Treda flamma cruenta
Em que ardem mariposas
Cuja cegueira espanta,
A cortezã se ostenta
E fama audaz levanta
Com escandalo geral !
Fortunas desbarata
Que a diligencia ergueu ;
Mar que jámais se encheu,
Golfo descommunal
P'ra o ouro se dilata;
Familias mil desola,

A quem reduz á esmola,
Medonho horrendo mal!

A cortezã maldita,
Nenhum amante evita
E a todos rouba e mente:
E' fóco pe#tilente,
E' leito de hospital
Que enfermos não rejeita,
Que um apóz outro aceita
E á muitos é fatal.

V

Voragem seja embora, Irene altiva
Empunha o sceptro da luxuria e brilha:
Corça, de amor na caça, não se esquivava,
P'ra ser caçada até busca a matilha.

De dia exhibe o opprobio da opulencia
No carro á moda em que se expõe na rua ;
Arma de noite laços á demencia
Apóz orgias se vendendo nua.

Dobra-lhe o vicio concurrente o preço ;
Vende requiebros por punhados de ouro,
Da-lhe promessa torpe um adereço,
E o leito da-lhe o roubo de um thesouro.

Em suas longas unhas de panthera
Despedaça de jovens o futuro ;
Honra, nome, fortuna, astuta féra
Devóra á troco de favor impuro.

Aos velhos ricos prompta estende os braços
E finge amor em lubrico transporte ;
Comprime o tédio e em phrenesis devassos
A vida cança á reviver a morte.

Do homem o sentimento se deprava
Em prazeres brutaes, e insauia sua,

Se a luxuria o desvaira, essa alma escrava
Da lascivia nos graos paixões gradua.

Perdido o enlevo da virtude santa,
Perdido o encanto do pudor que córa,
Da mundanaria que a moral espanta,
O depravado os impetos adóra.

Belleza ou não ; mas luxo desmedido
Ostente a cortezã — prova segura
De um corpo a quantos pagão revendido, —
E eis fulgindo o incentivo da loucura.

Espalhe a fama da impudica a historia,
O escandalo sem freio e delirante,
Tem nessa fama a cortezã mais gloria,
Quanto mais ignobil, mais ovante.

Entra em moda a heroina da impureza,
Esplende em raios de infernal prestigio,
Varre das casas ricas a riqueza,
E da depravaçãõ sobe ao fastigio.

Os loucos a seus pés ouro derramão,
Fazem-lhe a côrte e a querem por vaidade,
E escravos da mulher, á quem não amão,
Glorificação o horror da sociedade!

Vendida ao moço, ao velho, ao crapuloso,
E' gello e finge a cortezã fervor ;
E em aluguel mantém leite asqueroso,
Onde é sempre enganado o alugador.

E quanto mais altêa a indigna vida
E attesta a furia insolita e damninha,
Impudencia, torpeza, e infima lida,
Tanto mais dos corruptos é rainha.

E' no charco que o porco tem seu mundo:
E' dura, e ignobil esta dupla imagem ;
Mas como o porco é o devasso immundo,
Charcos as cortezãs, charco a *Voragem*.

VI

Pára, insensato Durval!
E' tempo ainda, — recua!
Calhiste em laço infernal,
Fizeste a ignominia tua!

Cahiste no precipicio ;
Estas resvalando; — pára!
No fundo negro ha flagicio
Que extremo labeo prepara.

Do abysmo o alcantil é rude ?
Tirou-te o vicio o valor ?
Pede soccorro á virtude,
Aceita o auxilio do amor.

Aceita! — vê, debruçadas
No abysmo, — alentos escassos
Como exhaurem consternadas
Mãi e irmãs, dando-te os braços !

Debalde! — em Durval se apura
Carnalidade selvagem;
Possesso, em desenvoltura,
O seu demonio é *Voragem*.

De envites fascinadores
Tem nessa mulher — volcão,

E hardideza e furores
De lasciva perversão.

E' a luxuria serpente
Que se enrosca no devasso,
Que o abraça renitente,
E affoga-o por fim no abraço.

Paralitico lançado
No meio do tremedal,
Sem poder fugir, tragado
Se affunda o louco Durval.

Da harpia nas garras preso
Se aduna á vida impudica.
Do mundo arrosta o desprezo,
Honra e nome sacrifica.

No infame altar da polluta
Paterna herança devasta;
E ouzada a paixão arguta
A' um crime o insensato arrasta.

Das irmãs — orphãs sagradas
Da mãe nobre — filho vil
As riquezas, profanadas,
Leva da féra ao covil.

Erão alheias devicias
E nellas poz impia mão!
Comprou perversas delicias,
Mas vendeo-se á damnção.

Rompe enfim sinistro dia
Que assombra a concupiscencia;
Miseria que se annuncia,
Sólta a vóz á consciencia.

E' noute: Durval medita:
Quanto tivera, perdeo,
E o que mais o morde e agita,
— Mãi, irmãs empobreceo.

Ama *Voragem* perdido;
Mas sabe-lhe a sede de ouro:

Onde um thesouro escondido,
P'ra ella mais um thesouro?

A consciencia o condemna,
Ferve-lhe n'alma a paixão,
A noute redobra a pena
E atíça a imaginação.

De repente grito horrivel
Dá, suor frio lhe eae,
Vendo á seos olhos, terrivel
Surgir a sombra do pai.

Estende um tremulo braço....
Cabellos hirtos, e mudo,
A vista fita no espaço,
Está sem luz ; mas vê tudo.

E' seu pai : o vulto eleva
Pela morte agigantado,
Brilha ardente olhar na treva,
Devorando o condemnado.

E' do pae a sombra austera
Que tem voz que o filho abala ;
Voz de finado sevéra,
Voz de juiz que assim falla :

“ Deixei-te nome, opulencia,
“ E irmãs, e mãe a zelar :
“ Vim, mandou-me a providencia
Contas ao filho tomar.

“ Que has feito do nome honrado? . . .
Tornaste-o escarneo do mundo,
Pelas praças arrastado
“ Como o trapo mais immundo.

“ Onde a riqueza que ergui
Com o labor e a economia?
Desmoronada por ti
“ Foi pasto de seva harpia.

“ Dos meos suores o fructo
“ Servio p'ra o fausto do vicio ;

Lançaste-o á um seio polluto
“ Muladar do desperdicio!

“ Varrendo o chão não varrido,
A cortezã que la vae,
“ Na cauda do seo vestido
“ Leva o suor de teu pai!...

Nobre mãi que deu-te a vida,
Que aos peitos seos te aleitou,
Por teu roubo empobrecida
“ Na miseria se abysmou.

Homem não — besta sem freio,
“ Maldito filho, tu és!
“ Da mãi descobriste o seio,
P'ra cobrir da infamia os pés!....

Irmãs, por tí na desgraça,
“ Sacrificaste em aras vis!
“ Tres virgens á uma devassa.
Tres anjos á meretriz!

“ Vae, filho desnaturado,
“ Segue! mas nos crimes teus,
“ Maldito do pai finado,
“ Sofre o castigo de Deos !

“ Mae, irmãs empobreceste,
“ Manchaste o meo nome, — vae!
Mas leva que a mereceste,
‘ A maldição de teu pai.

VII

Quando a aurora rompeo, Durval estava,
Dormindo em desalinho ao pé do leito,
Como no chão cahido

Era agitado o somno, a dextra errava

Tremula as vezes no espaço, ~~o peito~~ arfando *o peito*,
O alento era gemido.

Do sol á um raio despertou, e a sala
Com inquieto olhar que mil terrores diz
Turbo inquirindo vae :
Depois reflecte e em soliloquio falla :
“ Quem me assombrou foi o remorso ultriz ;
“ Não foi, não foi meu pai.

E horas longas ficou triste pensando
Na miseria, no horror de seu destino,
E na paixão nefaria.
A paixão sobrepuja: o miserando
Remorsos cala, e corre em desatino
Aos pés da mundanaria.

Affecta despertar do amante aos passos
Voragem que suavissima lhe diz :
— Tu sabes?... eu sonhei! —
E logo o enlaça com traidores braços,
Tornando entre blandicias ao infeliz :
— Que sonho!.... ah! não direi!,

Illusão d'alma... vão capricho... — eu digo :
Meus segredos amor dá sempre a ti;

- “ Porque és o meu senhor!
- “ Zomba de mim, que eu zombarei contigo;
- “ Mas em troco de sonho em que eu te vi,
- “ Quero beijos de amor.

- Acaso guardas a lembrança ainda
- Desse diadema esplendido, brilhante,
- “ Em que os olhos deixei?
- E' alto o preço: porque a joia é linda;
- “ Hade alcançal-a mais ditosa amante
- “ Não a mereço . . . eu sei . . .

- ‘ E o meu sonho?—Dos teus rivaes o bando
- “ Por mim fulgente joia disputavão
- “ Que amor mostrando vinha;
- “ E tu correste, e os loucos espantando,
- “ Aos olhos seus, que ao longe te invejavão,
- .. C'roaste-me rainha!

- “ Tive-o ao menos em sonhos uma hora!
- .. Foi meu, c'roou-me a fronte esse diadema
- “ De esplendido fulgor!
- .. Invejosa roubou-m'ó cedo a aurora!

Vão sonho vão desejo inutil pena
Por não mudar de amor!

E lançado o veneno atroz no seio
De Durval que arde em zelos, já lasciva
Em fogo, fogo atea;
Já simula cair em mudo enleio,
E suave triste, immovel, pensativa
No sonho devanea.

Logo Durval provoca com um sorriso
Que explica gesto audaz: — se elle a demanda,
Ella responde: — “ Oh! não! ”
Desafia e repelle de improviso;
Flammas acende e não apaga; — infanda
Explora ebria paixão.

Não mais resiste o joven pervertido;
Do pai, ou do remorso a maldição
Frenetico esqueceu:
“ Queres o diadema? —brada erguido,
Mulher, demonio! eu cedo á tentação;
O diadema é teu.

Em desespero sahe . . . — Fria crueza,
A cortezã murmura negligente:
“ Sublime inspiração!
‘ Sinto-lhe, ha dias, cheiro de pobreza ;
‘ Meu sonho o poz em furia ; mas urgente
“ E’ dar-lhe demissão.

“ Não volta mais, ou volta com o diadema,
“ Ultimo dom que em todo caso aceito,
“ E um dia inda lhe dou.
E contente do sordido dilemma,
Cerrando os olhos languida no leito
A féra dormitou.

Horas não mais do vicio, horas do crime
Passarão : volta enfim o desgraçado
Que o diadema offrece :
Seu rosto em contracções tormento exprime.
Quer parecer feliz ; mas espantado
As vezes estremece.

Não ver-lhe a confusão *Voragem* finge ;
E da perfidia e da maldade emblema,

Volcões de amor simula;
Prodigio de traição, perversa esphinge,
Beija Durval com os olhos no diadema,
Cujo valor calcula.

Com a fxa, dom do crime, se corôa,
E assim provoca os impetos do vicio
Que ella requinta e inflamma;
Dada a Durval a extrema noute vôa;
Passou. . . e fica ao misero o flagicio
Que nos remorsos ,brama :

Leva a esphinge Durval ate a escada,
Beija-lhe a frente; lagrima sentida
Trahe da saudade o medo. . . .
Deixa-o partir á custo, e apaixonada,
Inda uma vez exclama em despedida:
“ Oh! volta! volta cedo! . .

Durval sahio — e logo o manto arranca
Da hypocrisia a cortezã e chama
Criada vil que a iguala:
De opprobrio sem morrer, deforme — franca

Mudando em gello atroz recente flamma,
Indica a porta e falla :

- ‘ Murcho favo sem mel —sem vinho adega,
Esse Pobre Durval, bolça vasia,
- “ E’ fonte que secou :
O ingresso d’ora avante aqui lhe véda,
Volte embora mil vezes cada dia,
- “ Em casa não estou.

VIII

LENDA DO DIADEMA.

As joias são como as sanctas,
Porque tem lendas tambem,
E porque, sendo ellas tantas,
Devotas mil todas tem:

 Suas devotas são damas,
Cujo corpo é seu altar,
E em suas lendas ha tramas
Das devotas á pecar.

Tanto a joia é mais antiga,
Quanto mais a lenda cresce,
Que as vezes nem se conhece.

E inda a joia é como a sancta
Pelo encanto da belleza,
Porque o mundo não quebranta
Nunca o seu brilho e pureza.

Luz nos pulsos de obscenas
Nas frentes de infrenes damas,
Assiste á impudicas scenas
E nunca pollue as flammas.

E' como o raio do sol
Que ainda no lodaçal
Tem esplendor virginal.

E as joias são generosas,
Sabem as lendas calar,
Quando não são viciosas
As damas que vão ornar ;

Mas eu estou condemnado
A' um mal que não mereci,
Reputo-me desgraçado
Pelas mãos em que cahi !

Não amo a dama que alindo ;
Não quero segredos ter ;
Vou minha lenda escrever.

Eu sou joia ; mas recente,
Minha vida enseto agora ;
Diadema aurifulgente
Disputo fulgor á aurora :
Inda a pouco me comprarão,
Como joia, escravo estou ;
Nem se quer me perguntarão,
Se amo a dama de quem sou,
Sahi hontem do joalheiro,
E já da vida ao entrar
Que historia posso contar !

De brilhantes e ouro feito
Sahi, formoso luseiro,
Do trabalho mais perfeito
P'ra vidraça do joalheiro.
A quanta honesta me olhou,
Em viva flamma sorri :
Torpe olhar me devorou
Com tal sede, que tremi !

Dezejarão-me as honestas,
Nenhuma ao preço chegava
Só a cortezã faltava.

Foi hontem, funesto dia!
Veio um mancebo apressar-me,
Que ao apressar-me tremia,
E que jurára comprar-me:
 Comprou-me: — então porque geme,
Quando paga ao joalheiro?
E este mancebo que treme,
Onde achou tanto dinheiro?
 Confusa na confusão
 Do meu triste comprador.
 Previ da sorte o rigor.

Occulto no seio, á medo,
Poz-me do mancebo a mão;
E eu apanhei-lhe o segredo
Nas ancias do coração.
 Firmas alheias roubára
O louco que me comprou;
O dinheiro que eu custára,
Crime infando lhe custou.

Primeiro passo na vida,
Primeiro passo que eu dava
E um crime já eu marcava!

Levou-me ao lar da impureza
Esse em cujas mãos tremi;
La achei luxo e riqueza;
Mas pudor e honra não vi.
 Ai! meu ouro e meus brilhantes
Em frente, (a desgraça o quiz)
Onde mais de cem amantes
Tinhão dado beijos vis!
 Ai! mil vezes a vidraça
Do meu avaro joalheiro,
Do que esta frente—lenteiro!

E aqui fiquei, vendo horrores:
C'roa de frente malvada,
Sou de esqualidos amores
A testemunha obrigada.
 Prendeu-me laço fatal
Ao cabeça de um rochedo,
Que mora infecto brejal
Do vale puro em degredo.

Ai! meu ouro e meus brilhantes
A gastar tanto esplendor
Em proveito do impudor !

A' encantos dubios dou luz
Com o meu ouro e os meus brilhantes;
Sou o engodo que seduz
Novos e ricos amantes.

Sou dos cachopos na praia
Fogo qué acende a traição,
Para que os nautas attraia
E os roube na perdição.

Ai! sou princeza captiva
No antro de negra fada
E só p'ra o mal encantada.

As joias são como as sanctas,
Martirios tem a soffrer;
Mas soffro vergonhas tantas,
Que obrilho amára perder.

Antes uns pés de donzella
Me fosse dado alindar,
Do que á manceba mais bella
A fronte impudica ornar.

E' melhor ser borzeguim
Calçando o pé da innocencia,
Que diadema da indecencia.



Noute — orgia — champagne á espumar.—
Meza plena de loucos cercada,
Cada qual tendo ao lado abrasada
Em lascivia e cognac uma dama,
Que sem pejo se deixa beijar
E que turvos furores inflamma
A luxuria já ebria á explorar.

Brilhão chamma do ponche acendido
E do ponche e dos lustres á luz
Peito á mostra, alvejando hombros nús,
Cortezãs de um viver pervertido
Paixão fingem que os loucos seduz,
Com requebros e audazes meneios
Dos imbell~~es~~ vencendo os receios.

Ouza livre a palavra obscena
Mil insultos que ali não o são ;
E ufanozas da propria abjecção,
Mostrão garbo as proscriptas do brio
Das licenças que o brio condemna ;
Pouco falta ás vilezas da scena,
E ao que falta ha brutal desafio.

Eis *Voragem!* — rainha da orgia,
Insolente preside o festim,
Infernal ostentando alegria
Com remoques que excitão motim ;
E no copo que sempre esvasia,
Ergue o sceptro qu'empunha corrupta
Digno sceptro da mais dissoluta.

Da impudencia em arrojos extrema
Alardea no topo da meza;
Traz na fronte fulgente diadema,
Alto symbolo cahido em torpeza.
De repente saltou petulante,
Com o assanho da féra que avança.
Descarada sorri breve instante,
Alça um pé que firmou na cadeira.
Mão esquerda no joelho descansa
Ergue a dextra e na taça banzeira
Recebendo o champagne espumante
Clama: — Um brinde ao diadema formozo
Que em meu rosto mais brilho acendeu!

E dos socios o coro ruidozo
Brada: “ Guerra ao feliz que t’o deu!

— O feliz? . . . — gargalhando sem brio
Ella torna: — Silencio geral!
“ De champagne nos copos um rio
“ E oução todos do brinde o final:
— “ A memoria do amante passado
Que deixou-me diadema tão puro

E ao triumpho do amante futuro
Que herdará meu amor cubiçado!

Não pasmou da ignominia ostentosa
Ebria turba que indomita em grita,
De *Voragem* applaude, maldita,
Da sordicia a jactancia horrorosa.

X

Ante o algoz a victima sentada!
Durval, presente á orgia,
Alvo é da zombaria
Da gente que em dez vinhos afogada.
Surge para lançar escarneo insulso.
Violento sobre o amante já *passado*
Que foi do antro encharcado
Depois de pobre expulso.

Viéra á orgia a confundir *Voragem*,
E por vingar-se ardendo
De fogo olhar tremendo
Durval, na meza da libertinagem,
Fixa embalde no rosto da corrupta,
Que em troco vibra olhar mais atrevido.
E é elle o confundido
Na desfaçada luta.

E' elle o confundido ; que seus olhos
O diadema encontrão,
E fogem, não affrontão
Brilhantes que no mar da vida escolhos
Forão fataes, onde perdeu-se infame
N'um crime, cuja idéa jamais dorme,
E vingativa, enorme
Na consciencia brame.

Tem d'aquelle diadema o brilho encanto
Que é punição de Deos ;
Luzentes raios seus
Os olhos de Durval turbão de espanto
Que resplendendo em tremulo fulgor
No espaço esta sentença escrevem feia :

Te és de firma alhcia
Um falsificador!

E inda a paixão o escravo desvaria!
Vê que *Voragem* fera
Malvado o vitupéra,
E á um aceno a seus pés se prostaria!
O odio em sua alma com a paixão contende;
E' o bebado que em sordido supplicio
Maldiz do proprio vicio,
E á taberna se prende.

De escarneo o brinde abjecto o fulminara:
A' tremcr o escutou,
A affronta devorou,
Tão vil, inda lhe veio o sangue á cara!
E sapo que a serpente magnetisa,
A despeito do ultrage fica olhando
E em furias adorando
A mulher qu'ó escravisa!

XI

Ninguem de *Voragem* costumes ignora:
Lhe fôra impossivel um dia sem dono;
Da infamia no throno que em seu leito arvora,
Rei morto, rei posto, jámais vago o throno.

Durval decahido, *Voragem* quem toma?
E' parvo o que cuida mover-lhe paixão:
Quem paga-lhe os gozos por mais alta somma?
Só falta o annuncio — “ *mulher em leilão!* ”

Mas era elegante, dos annos na flor,
Ardente em carinhos e bello Durval:
Difficil escolha dará successor
Que seja ao deposto ao menos igual.

E a orgia referve e os socios da orgia
Por entre as risadas e o ébrio gritar
Qual delles indagação nos olhos da harpia
Vai ser dono e victima, e ruina buscar.

E todos disputão! na libertinagem
São podres cadaveres pela corrupção:
Devora cadaveres a hyena: *Voragem*
Devoral-os deve: da hyena é missão.

Mas entre os comparças da orgia sem freio
Mancebos, nos vicios engolphados já,

Um só se destaca por velho e por feio;
Qual pois dos mancebos *Voragem* terá?

Dos vinhos, do ponche redobra o calor,
Começão escandalos da embriaguez,
Dos homens exaltão-se a audacia e impudor,
E indiguas mulheres stão quasi em nudez.

Os pejos fingidos o vinho banio;
São todos devassos, e mostram que o são;
Mas subito a porta da sala se abriu,
E a voz da policia perturba a funcção.

Da lei se adianta o agente fatal,
O braço estendendo, sinistro fallou,
Por crime infamante prendendo Durval,
Do crime o diadema brilhante mostrou.

Do oppobrio que o esmaga Durval geme ao peso;
E aos agros gemidos um beijo que estala,
Responde:—é *Voragem*, que aos olhos do preso
Com o velho abraçada treslouca na sala!

Dous carros á porta: — lanternas dão luz:
N'um delles arrastão Durval á prisão,
Vai no outro *Voragem* que o velho conduz
Ao sordido leito do lar da traição.

Quadro segundo.



Cincoenta annos ou mais, a idade do juizo,
De amavel dona esposo, celestial favor,
Rico de cofres de ouro, humano, alto valor,
Tal é o novo heroe que chamareis Narcizo.

Da idade o serio trato, da esposa o brio, a gloria.
Deveres que a riqueza impõe ao homem nobre,
A gravidade—o amor— a bolsa aberta ao pobre,
Tres fulgidos capitulos p'ra mais honrosa historia.

E sobre tantos dons que Deus lhe dispensára,
Nos jardins dessa vida inda a mais bella flor,
De Deus inda uma graça no abençoado amor,
Dos páis anjo, uma filha de formosura rara.

Mas ai que os cincoenta annos nem sempre dão juizo;
Deu-lhe depois de velho p'ra namorar um dia,
Conquistador de damas tornou-se por mania,
Vaidoso de bonito até ficou Narcizo !

O ouro que a caridade sagrára em beneficios
Mal chega p'ra familia, abunda p'ra loucura,
Comprando caro as chaves que a porta abrem impura
Do alcaçar que entre sedas disfarça tórpes vicios.

E o velho que compõe-se janota contrafeito,
Ridiculo se avilta á impor falsos ardores,

Os jovens louco imita, e em sordidos amores
Atira ao rir do mundo a idade do respeito.

E' em luto a nobre esposa como em triste viuvez,
Que perfido o marido com o abandono a fere,
Quando em lascivas flammæ estúpido prefere
Ao santo amor pudico do escandalo a nudez.

E' em luto a bella filha, como em previa orphandade.
Do dezamor as provas dá-lhe do pai a auzencia,
Do pai que a flor despreza e o aroma da innocencia
Por monstros cujo bafo venena a sociedade.

Assim Narcizo andava, ha pouco mais de um anno,
Habitué do Alcaçar, actrizes namorando,
A ardente sede de ouro de cortezãs matando,
E de compradas noutes, velho immoral, ufano.

Miserimo Narcizo! estolido deixava
A fonte da pureza que só seus labios tocão
Por esses tanques lubricos, que os lubricos *provoção*,
E onde antes d'elle um outro, pagando, se banhava.

Não ha no mundo culpa como a devassidão
Que tão certo receba fatal, duro castigo ;
E' o devasso um ébrio de si proprio inimigo,
Perde saude e ouro no esqualido golphão.

O throno da luxuria tranforma-se em patibulo,
Gozo de torpes noutes, enfim, algoz se arvóra,
Empobrecido o rico, Venus o manda embora,
Diz-lhe um adeus á rir-se, e fecha-lhe o prostibulo.

A tropeçar no escarneo o misero despedido
Nas véas sente o virus que as dores perpetua,
Chora em pobreza o ouro, nodoadá a fama sua,
E inda é feliz, se o crime não o marcou perdido.



Mancebo ardente que as paixões mancharão,
Chora! — talvez que o pranto
Lave as nodoas que em fogo te deixarão
Nas tredas noites de infernal encanto
Da cortezã os beijos :
Por ti da mocidade tens a excusa,

Impeto, ardor, vehemencia dos desejos,
O gozo á venda te excitando a flamma,
Venus que do noviço astuta abuza:
Ah! se ao menos o crime não te infama,
Piedosa a sociedade inda te chama,
Perdão não te recusa.

Mas esse em cuja fronte se annuncia
Velhice em longos annos enrugados,
E que a experiencia fria
Tem na lição dos erros seus passados,
Esse á quem lei severa
Da natureza já marcou a idade
Da vida grave, austera,
Que exemplos de honra deve á mocidade,
Luz da virtude sendo,
E que da idade e brio se esquecendo,
O que não é, simula,
Branços cabellos cuidadoso tinge,
Bojudo ventre que indicia a gula,
Com a cinta, vão. restringe;
Esse que em ciuzas frias volções finge,
Filhos, esposa olvida,
Adorador de damas se improviza

E toma por diviza
Aos pés, no leito de mulher impura
Gastar os restos da mofenta vida
Que á propria dissoluta tedio inspira.
Esse, na desventura,
Contra a vil cortezã em vão conspira:
O mundo ri, ao ve-lo desprezado,
Pobre, bater de balde ao lupanar!
Gallo velho depois de depennado,
A cortezã o atira ao muladar;
Cahio no seu lugar!
Do amor do velho o ouro é o vehiculo
Que á libertina embota o paladar:
Sem ouro o velho estulto inutil brada,
Que o mundo lhe responde em gargalhada:
Ridiculo! ridiculo!

A velhice é do tempo a magestade,
Tem a cultos direito;
E —lhe sceptro o bastão á que se arrima.
E throno a gravidade;
Tributos colhe de geral respeito,
Não se abaixa ás paixões, se eleva á estima
E com a experiencia, que illusões evita,

Sabios preceitos nos conselhos dicta.
Honra á velhice que o passado archiva!
Honra da arvore antiga
Ao tronco que inda sombra off'rece e abriga,
De seiva embora pobre!
Da nova geração que se ergue altiva,
Cada mancebo que passando vai,
Da velhice na face augusta e nobre
A imagem magestosa vê do pai,
E ante ella reverente se descobre.

Honra a velhice ! — e no dever de honral-a
Primeiro o velho seja!
Ter na frente uma c'roa e nodoal-a
Duplo erro é do velho que doudeja,
Porque no propria frente a nodoa imprime,
E a velhice que o honra, vil deprime.
Velho que os annos mente e solta a redea
A' paixões, insensato,
E' só rei de comedia,
Misero personagem caricato,
A c'roa papelão, solio tripeça,
E feliz se a platéa ajuisada
No meio ou fim da peça
Deixa a degradação sem pateada.

Pobre cão derreado
Que não póde correr, embalde insista,
E á custo apenas late desgraçado,
Da caça embora farejando a pista,
Que uma joven matilha segue activa,
Cão que o vigor perdeu,
De quem a corça zomba, e mal se esquiva
Cão que o dono nas trelas não metteu,
Se por habito ou manha
Veio de rastos para uivar á caça,
Pobre cão, inda sendo cão de raça,
Se não lhe vale o dó, sovas apanha.

Velho que amor e cortezãs fareja,
E de moço valente ares ostenta,
Perde o que é no ser desfigurado
Jamais chega a imitar o que deseja.
E em carnaval perpetuo se apresenta
Nem velho, nem rapaz: — um mascarado.

Martyr do esforço imposto á natureza,
E victima do artificio
Nelle tudo é postigo;
Das pernas dubias a mendaz firmeza,

Da idade falsa o embusteiro viço,
De impudicas paixões o ardor fictício
Postiço! fingimento
No aspecto seu e até no sentimento!

Que gloria de ser tolo !
Aos pés das cortezãs caro pagando
Complacencias com tedio concedidas,
N'um throno se imagina, quando á rolo
Pelo chão do desprezo anda apanhando
Restos immundos de fruições fruidas!
Que tolo obstinado
Que nem as vezes sente
Leito em desordem e a almofada quente,
A mundanaria a simular furor
De um ciume adoudado,
E o ruido abatado,
Dos passos de quem vai no corredor
Pé por pé se esguirando
Até chegar á escada,
E logo apoz, na rua, a gargalhada
Que estronda, e não a entende o miserando!
Maniaco infeliz! nem dó merece;
Não cré em quem o avisa

Do immenso opprobrio a cujo abysmo desce,
E quanto mais o avilta a dama impura,
Mais elle em fogos fatuos se electriza
E dobra de ternura!
Dobra e redobra até que hora de horror
(De iniquidade não
Que é optima a lição)
Sinistra soa: — da miseria é a hora:
Foi-se o ouro do velho: — adeus amor
De cortezã! — debalde o velho chora,
Ella ao vel-o chorar, á rir desata;
Muito brincou com o rato velho a gata,
Não tem mais que arranhar, encolhe a pata
E o rato já sem pello manda embora.

III

Glorias de velho devasso
Que cahio por gosto em laço
De cortezã desastrada!
Glorias de estúpido escravo
Que nas mãos da depravada
E á troco de um gozo ignavo

E muitas vezes negado
Se presta á ser depennado !
Glorias de socio pagante ;
Mas nos lucros só mealheiro
São glorias que a desfructante
Concede a um velho escudeiro

Glorias de homem sem brio
Que a espoza e filha condemna
A' martirio immerecido,
E em ridiculo desvario
Pela mulher que o depenna,
Vive de paixão perdido !
Glorias de pobre sandeo
Que tem balda de juizo
E que em fundo tremedal,
Cahido o tonto animal,
Suppoê que subio ao céo, —
Eis as glorias de Narcizo !

Oh que amante apreciavel !
Outro igual nunca *Voragem*
Do seu amor na estalagem

Hospedou tão desfructavel!
E faminta dissoluta
Voragem prêa o devasso
E com furor o desfructa:
Custa-lhe a condescendencia,
Ceda embora gozo escasso;
Mas no tedio ha paciencia
P'ra quem comer sabe a fructa,
E deitar fora o bagaço.

Voragem vive em fulgores,
Mal deseja, e tudo tem;
São tributos, não favores
Os dons que á sobras lhe vem:
Não pede, apenas aceita,
Pois sabe ter`sem pedir,
E o pobre velho sandeo
Jubiloso se deleita,
Vendo *Voragem* sorrir
A' um novo presente seu.

Voragem no luxo altea;
Seus pés só calção setim,
Ou cobrindo rica meia

Botinas de laços cheia
E em cada laço um rubim:
Em rendas se abysma, e roja
Seu corpo as sedas de preço:
Quando á noute ella despoja
Pulsos, collo, orelhas, fronte
Das riquezas do adereço,
Fulgem brilhantes em monte,
Esmeraldas peregrinas,
E alvevão perolas finas.
Na casa fausto alardea
Por timbre de ostentação;
Cada dia uma funcção,
Cada noute orgia e cea:
As salas alcatifadas,
Os lustres de alto valor,
Ricos vasos de Pompeia,
Longas paredes ornadas
De paineis que em varia idéa
São provocações de amor,
Fofos sophás estuphados
Em horas ao vicio dadas
P'ra luxuria imaginados;
Devicias mil esbanjadas
Pelo crime e o desperdicio

i/

A immunda casa do vicio
Fazem palacio de fadas.
A' porta negro, formoso
Cavallo em brios acceso
Patea a calçado iroso
Ao carro vendo-se preso,
Em que ás ruas e á praça
Vai exhibir a devassa.
A noute é dada á vertigem . . .
Profusão louca nas mezas,
Nos manjares,inhos, flores
Pretextos para as torpezas
Da embriaguez na caligem;
Desbarato de riquezas
Em nome de impios amores;
Cantos que á beber excitão,
Zombarias petulantes,
Ruido em que todos gritão,
Danças de horridas bachantes.
Até que aos flumos do vinho
Voragem cambaleando
E no estado mais nefando
Do velho recebe a mão
E com elle vai caminho
Da extrema degradação !

IV

E no lar da familia outra é a scena :
Falta o chefe ao casal, o rei ao throno.
Mãi e filha chorando acerba pena,
Nem consolar-se podem no abandono.

Houve opulencia ali; mas houve outr'ora,
Nem ficou abastança apóz riqueza;
Perdeu muito a familia, muito e agora
Já rasteja ás penurias da pobreza.

Deixára a casa de seus pais herdada
A honesta esposa e habita humilde tecto:
Mas não doe-lhe a opulencia dissipada,
Doe-lhe do esposo o gelo e o desafecto.

Seu mal não provocou; foi sempre nobre
Exemplo de honra — e no infortunio rude
A' que o marido a reduzio tão pobre,
Ainda ergue a fronte regia da virtude.

Oito lustros mal conta, inda é formosa,
Sabe que a seducção mizeria explora...
Não a teme por si, forte briosa
Resistirá; mas pela filha chora.

Quinze annos só e esplendida belleza
Refulge Ignez, e virginal candura:

Mas vaidosa, e aos fulgores da riqueza
Afeita, é mais exposta á desventura.

Das graças realçador o luxo amava :
Na pobreza se julga desmerecida :
Lembra-lhe triste o fausto em que brilhava,
Vive em saudades consumindo a vida.

Velão cuidados maternaes alerta,
Da flor guardando a angelica pureza
E o coração da pobre mãe se aperta
Calculando os perigos da belleza.

E já tambem conspirão seductores
A innocente Ignez thurificando,
Fingindo flammias d'immortaes amores
E da vaidade as flammias atiçando.

Não lhe fallão que a mãe não dá guarida
Aos impios ; mas, passando, Ignez espião,
E o gesto, e o euleio de paixão fingida
E o olhar de adoração tredos lhe envião.

Acendeo desses monstros a ousadia
Labeo do pai que a filha já macula;
Que um pai devasso é dos devassos guia
E contra a filha a seducção açula.

Velho insensato! os cofres despejara
Dando opulencia á cortezã immunda
E emquanto á infame com esplendor aclara
A esposa e a filha na miseria afunda.

Vende os bens, vende a casa e se individa,
Da esposa e Ignez as proprias joias pilha;
Malvado! por venal prostituida,
Sem pão deixa a mulher, sem pão a filha! . . .

Da familia ao já mizero sacrario
Foge, e sem dó da fome que lá fica,
Arranca ultima somma do usurario,
E vai tornar a cortezã mais rica.

Reprobo e vil! a esposa virtuosa
Em miseria e abandono atroz esquece,

E a innocente filha tão formosa,
Anjo que o céo lhe dera, ao vicio off'rece!

Velho ignobil! por dous pñnhados de ouro
A propria esposa e filha venderia
Se á troco da sua honra inda um thesouro
Levasse ao antro da faminta harpia.

Ultimo gráo de sordida baixeza!
Quadro asqueroso da libertinagem!
E' *Voragem* o typo da torpeza,
E o velho inda é mais torpe que *Voragem*!

V

E na pobre casinha, onde ficarão
As duas em soidão,
Dia e noite as coitadas trabalharão
Para comprar o pão.

Até que um dia a mãe desventurada
Enferma se prostrou,
E a triste filha anciosa, amargurada
Nenhum recurso achou

Chama debalde o pai Ignez em pranto,
Que o velho ouvir não quer :
Prende-o *Voragem* com infernal encanto ;
Que lhe importa a mulher ?

Morre-lhe a mãe á mingoa ! Ignez afflicta
Na angustia se desola ;
A' porta corre, estende a mão e grita
Em pranto : — “ esmola ! esmola !

Ao grito dessa filha consternada
Acóde a seducção . . .
E inda a virtude logo despertada
De Ignez recolhe a mão.

Mas já da pobre mai na face fria
Vê-se da morte a imagem

A filha desespera. .e o pai na orgia
Se prosterna á *Voragem!*

E Ignez de novo brada :— “esmola! esmola! . . .
E acóde a seducção
— Mundo! esta virgem pela mãe se immola;
Perdão! perdão! perdão!

V!

E no prostíbulo infame
Já se retorce e brame
O velho corrompido;
Que a vil de ouro sedenta,
Ao vel-o empobrecido

Enregelada ostenta,
Mais do que tédio, horror
Desse teimoso amor.

E inda como lagarta
Da planta ao pé grudada,
Narcizo não se aparta
Da cortezã malvada.
Escarneo dos devassos,
Vê que *Voragem* féra,
~~A seus olhos~~, tolera
Que com audazes braços
Abracem-lhe a cintura,
E alarde loucos fação
Da injuria iniqua e dura,
Pois quando o corpo abraçãõ,
Ouzão crueis olha-lo
E impunes desdenha-lo.

Aos olhos seus,

Mas a lagarta insiste
E á ignominias novas,
A's mais incríveis provas
Esqualida resiste.

Em noute de supplicio
O velho miseravel
Do impuro lar do vicio
E' despedido e sai;
Em quanto a esphinge attrahe
Mancebo rico e amavel,
Ali no antro o demora
E da traição não córa.
Tranca-se a porta ruim
E o velho em pé na rua,
Na casa os olhos tendo,
Da noute espera o fim:
Véla em ciume horrendo;
Ha frio e em bagas sua;
Mas fica preso á injuria:
Resplende o sol brilhante,
Abre-se a porta ignara
E o infeliz em furia
Vê retirar-se o amante
Que rir-lhe ouza na cara!

Foge em furor violento
Narcizo e vai no fundo
De atro cortiço immundo

Seu rude aviltamento,
E abjecção chorar ;
Mas da lagarta imagem,
Gruda-se ao lupanar :
A raiva sopitando,
Escravo é de *Voragem*,
Aos pés da harpia volta,
Deixando o seu cubiculo,
E o impudente bando
Da cortezã a escolta
Recebe-o, gritando :
“ Ridículo! ridiculo!

E teima ainda a lagarta !
Em vão com o ultimo raio
Voragem a fulmina :
De insultos mil não farta
Ao velho impõe ferina
Que em pé, submisso e gaio,
Em prova de alto affecto,
Ao seu novo dilecto
Servindo curvo á meza
De pagem faça ensaio :

E desce á tal baixeza,
E faz-se o velho abjecto
Torpissimo lacaio!

Não ha poder de injuria
Que espante este devasso;
A diva da luxuria
Tolera-o por cansaço ;
E em falta de outro officio
O estúpido Narcizo
Serve p'ra escarneo e rizo
Nas bacchanaes do vicio.

Mas vem sinistro dia
De insamnia a mais tremenda,
Em que o furor da orgia
Jantar á cea emenda.

Bôdo a libertinagem,
Damas, jovens perdidos
Convivas corrompidos,
E amphitrião — *Voragem.*

Confuso borborinho,
Da phrase a incontinencia
Mostrão como a decencia
Ali se afoga em vinho.

E' noute: o gaz se acende,
E mais o ardor se atea;
Com amor Baccho se entende,
Torna o jantar em cea.

— “ Falta Narcizo á festa!
Grita uma voz mais alta.

— “ Morcego, o sol detesta,
“ E á noute nunca falta.

— “ Mas se elle ama *Voragem*
“ Sol ou do sol imagem?!

— O sol tornou-se lua,
“ E o velho as noutes vela,
“ E goza a sua bella

‘ Sosinho, em pé na rua
“ A’ olhar-lhe p’ra janella.

Geral, ebria rizada
Em rude applauso estala ;
Mas já *Voragem* brada
E assim aos socios falla :
— Narcizo horror me causa,
“ Conspurca o nosso gremio :
E após ligeira pausa :
— ‘ Darei, prometto um premio,
‘ Um beijo ao mais astuto
Queu em melhor trama acerte,
“ Que prompto me liberte
“ Do velho ascoso e bruto.
Quem serve ao meu desejo ?
Quem quer ? quem quer um beijo ?

E d’entre os libertinos
Almeno — o desastrado,
Celebre em desatinos,
E o mais desenfreado,
Exclama : — “ Irene, eu tenho

“ Certo, potente meio
“ De pôr ao bruto um freio,
“ Que longe o hade conter :
“ E neste grande empenho,
“ Eia, *Voragem*, ri !
“ Moral, honra e dever
“ Hão de exultar por ti !
“ Darás terna e clemente
“ Um pai á bella Iñez,
“ A bolça á uma indigente,
“ Marido á viuvez :
“ E á radiar de gloria
“ Irás, Irene, á historia.
“ — Mas olha, eu mercadejo ;
“ Não teço ardiz de graça
“ E p’ra pagar-me á traça
“ E muito pouco um beijo,

“ Silencio ! diz *Voragem*,
“ Narcizo vai chegar :
“ Acende o ponche, oh pagem,
“ P’ra o velho embebedar !
E n’um olhar obsceno
Ao libertino Almeno
Tudo promette dar.

VII

A turba assanhada que o vinho exaltara,
A' crapula affeita de pé se sostem;
Da meza, onde as taças quebradas deixara,
Se afasta sinistra; nem mais a contem
O horror de um projecto, qu'insamnia do vicio
Será da virtude tremendo supplicio.

Mulheres malditas á rir com estridor,
Que alcohol rescendem, e ostentão despejo,
Mancebos viciosos da idade na flor,
Sem brio formando da infamia o cortejo,
Lá vão, prelibando perversos ardiz,
Levar ancia e morte ao lar da infeliz.

A turba se lança fremente na rua,
Almeno adiante, mostrando o caminho,
Voragem terrivel que ao mal não recua,
O segue, exhalando respiros de vinho;
E ás tontas o indigno, o velho execrando,
Servindo de escarneo no meio do bando.

Assás se engolphara no ponche e na cêa,
Truão das perversas marchava á empurrões;
Opprobrio dos velhos ,ali cambalêa,
Pagando o tributo de cem libações;
E estúpido e ebrio o immundo animal
Vai ser o carrasco da esposa leal.

Na besta ha o instincto que suppre o juizo;
A besta nas trevas o abysmo presente;

E gasto na crapula, inconscio Narcizo
A' horrendo assassinio se presta indolente;
Nem tem, depravado, o instincto do bruto!
E' menos que a besta um homem corrupto.

E as ebrias mulheres que enfim quasi nuas
Em solto deboche furiaes vociferão,
E os homens sem pejo qu'infrenes nas ruas
Moral e costumes ultrajão, lacerão,
Em grita malvada que Almeno exitava,
Insultão o tecto que um anjo abrigava.

Desperta Narcizo pavor que o estremece;
Da vil temulencia surgindo espantado,
Possesso maldito do altar que conhece
Refuza as imagens que houvera aggravado;
Debalde se estorce, piedade implorando
Da iniqua *Voragem* ao crapulo bando.

E' tarde! em rizadas rompendo os devassos,
O reprobado velho com força agarrarão,
Ao ar o suspendem, sostenendo-o nos braços
E á caça da pobre, fataes avançarão,

Em coro bradando: “ marido a viuvez!
“ Socorro á indigente! e pai para Ignez!

E a turba malvada na audaz truculencia
A' porta trancada se atira furiosa;
O rir das corruptas atixa a demencia
Dos impios lançados na empreza affrontosa;
O ataque redobra que á porta accomette,
E o corpo do velho se torna ariete.

VIII

Ainda enferma e á disputar á morte
A vida que não ama,
Misera esposa abandonada treme
Da vozeria cada vez mais forte
Que á porta lhe rebrama,
Como na praia o mar qu'irado freme.

Ai! que pretende a horrivel zombaria
Da martyr moribunda?...
Em breve a esposa vai morrer; — que intenta
Voragem féra?. — A cortezã impia
Tambem semelha, immunda,
Verme que no cadaver se apascenta.

Cresce o ruido atroz que a esposa humilha
Com a grita insultuosa:
Tam só — casada e sem marido — a triste
A' seu lado procura em balde a filha
Que então — talvez medrosa
De tanto horror, aos trances não lhe assiste.

Suppondo em susto Ignez, a afflicção dobra
D'aquella alma de sancta:
Dos filhos pelo amor maês ressuscitão;
— Alentos, vida a moribunda cobra,
Da esteira se levanta,
Nem teme os ebrios mais que á porta gritão.

A' sala chega em titubantes passos
Da filha ao quarto vai;

Mas pára, ouvindo a grita da embriaguez,
Treme, escutando o coro dos devassos:

“ A' linda Ignez o pai!

“ Ouro á indigente, esposo á viuvez! . . .

Olvida a filha ao impeto da injuria;

— Já não ha moribunda! —

Então rebenta a porta á impulso rude,

A caza invadem bebados em furia,

A sala o vicio inunda ;

Mas recua, um momento ante a virtude.

Emagrecida, e pallida, e sublime,

Alta, estupenda, nobre,

Na indignação inda ao pudor curvada,

Semi-nua escondera o corpo ao crime

Com o seu lençol de pobre,

E arrosta, envolta nelle a gente ouzada.

Respeito á esposa sancta, oh vil matilha!

Culto á martyr devido!

Mas debalde! — de novo a injuria soa.

“ Ouro á indigente! pai á linda filha!

“ A’ viuvez marido!
Tres vezes impio coró a caza atroa.

E ao meio da sala como escoria
Posta fóra em desprezo,
Trememente lança a multidão devassa
O velho, o mais perverso heróe da historia
Que estúpido, indefezó
Cahe, fica immovel, como inerte maça.

Logo *Voragem* clama electrísada
“ Marido á viuvez!
“ A’ indigente soccorro”. — e a bolsa infame
A ladra aos pés mandando da roubada,
“ Agora o pai á Ignez!
Brame, e a matulla “ Ignez! Ignez!” rebrame

Feroz se arroja a turba em negro intento:
— Com força incrível, rara
Lufa em frente a leôa enfurecida;
Mas fraca cede a porta do aposento,
Polluta se escancara,
E a pobre mãi tituba espavorida

Sem compaixão da martyr que assassina,
Medonha gargalhada
Que dos echos do inferno accorda o horror,
Solta em applauso a corja libertina,
Mostrando desmaiada
Ignez, . . . e junto della o seductor.

Dentes cerrados, turvo olhar, conyulsa
A nobre mãe, furente,
E em angustia que os impios não contrista,
Alonga um braço que o lençol repulsa
E avança audaz, fremente,
Hombros e peito nús deixando á vista.

Feroz, violenta, agarra exasperada
O esposo que não cobra
A razão mais; — arrasta-o desabrida,
Mostra-lhe Ignez polluida — horrivel brada:
“ Devasso! . . . eis tua obra! . . .
E baquea no chão corpo sem vida.

Na tarde do outro dia (a Providencia o quiz,
No mal chamado acaso tremenda lição dava),
Em rua estreita e curva o povo se apinhava
Vendo a fortuna varia em triplice matiz

Era que se encontrarão e o passo abrindo estão,
Prezo, que, á rastos quasi, a escolta conduzia,
Negro esquife de pobre que ao cemiterio ia
E — carro auri-brilhante do luxo ostentação.

Narcizo era na escolta louco levado ao hospicio;
No esquife a esposa martyr em funebre viagem;
No carro ovante a alegre, a esplendida *Voragem*
Ao lado de um mancebo e á pompear no vicio.

Enfim — lá vai o doudo que leva as mãos atadas;
Lá vai no esquife negro o cadaver de uma sancta;
Lá vai tambem *Voragem* (crueza, horror qu'espanta!)
Após o doudo e o esquife á rir ás gargalhadas.

— F I M . —



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).